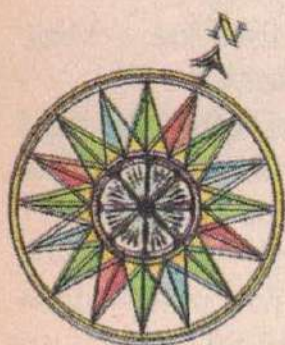


Ciclone!



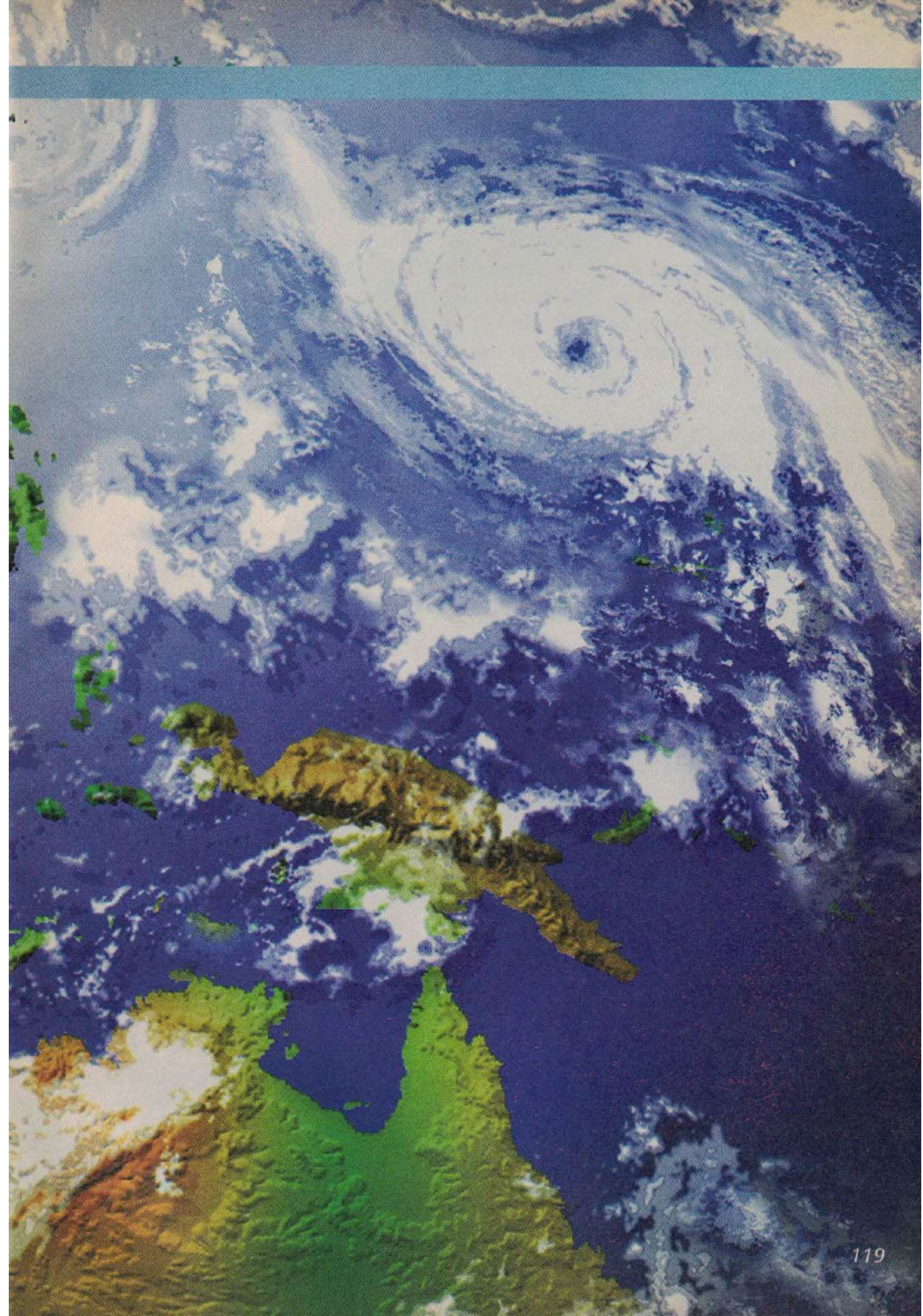
Para a tripulação dos três veleiros que deslizavam em direção ao mar aberto, o sol quente e a brisa suave eram bem-vindo alívio após meses no porto. No horizonte, acenavam as belíssimas ilhas do Pacífico Sul. Os marinheiros se deliciavam com o sol que banhava o convés. Nenhum deles prenunciava o extremo terror que estava por vir.

TONY FARRINGTON

CENTENAS de iates da Alemanha, da Austrália, dos Estados Unidos e de outros países fogem todos os anos para a Nova Zelândia durante os meses de maio e junho. Velejam em busca dos ventos que os empurrarão para as românticas ilhas do Pacífico.

Entre outubro e abril, ciclones ro-

dopiam na área. Mas aquela terça-feira de 1994 era um dia 31 de maio, de condições quase perfeitas para velejar na região. Uma zona de alta pressão estava parada sobre a Nova Zelândia. Havia ventos alísios constantes. Uma flotilha informal partiu para o reino de Tonga, a mais de 1.600km de distância, enquanto outros barcos navega-





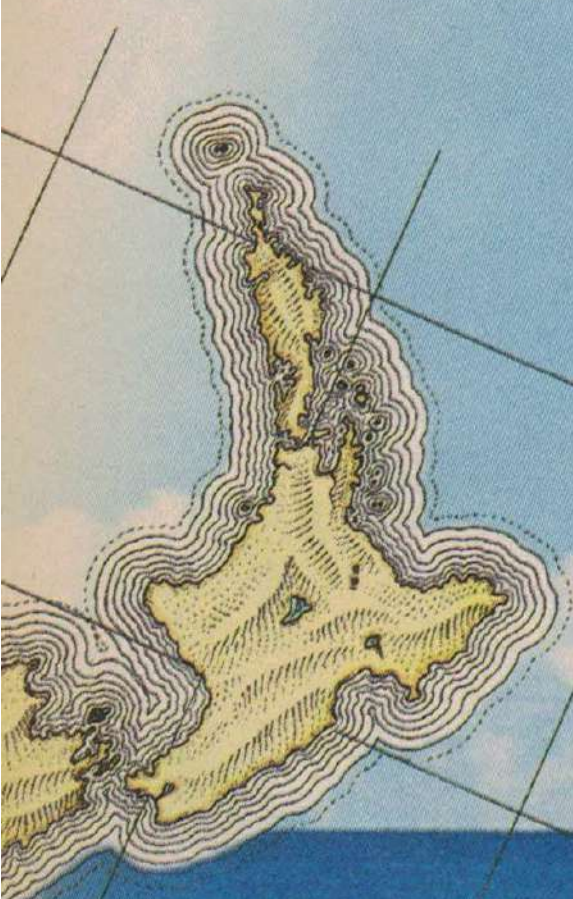
vam de ilha em ilha, no encaço de sonhos paradisíacos.

Grande parte dos marinheiros deleitava-se com as condições que desejavam durante meses ou anos de preparação: céus azuis, ventos suaves e temperaturas amenas. Estenderam as velas para capturar a brisa e folgavam no convés, lendo, bebendo, comendo e contando lorotas, enquanto os barcos silvavam no mar ensolarado.

Dana e Paula Dinius há anos viviam na Nova Zelândia. O casal utilizava o país como base de cruzeiro para a exploração do Pacífico Sul, retornando periodicamente para aproveitar a bela paisagem da terra, ou para reparos e manutenção. O custo de vida era baixo; as pessoas, honestas; e a mão-de-obra, excelente.

Porém, depois de curta estada, em geral estavam ansiosos para ir adiante. Desta vez, como sempre, precisaram admitir que seus ossos da Califórnia não se adaptavam muito bem aos frios invernos da Nova Zelândia. Quando se pilharam no mar, deliciaram-se com a brisa que empurrava o *Destiny* – um cúter de 14 metros – para o norte, em direção a Fiji e a ares mais quentes.

A quatro dias de Auckland, receberam um fax sobre o tempo, revelando formação baixa e fraca entre Fiji e Vanuatu, terra natal de muitos ciclones. O mapa indicava vento sudeste de 65km/h. Um relatório de rádio informou que a ventania poderia atingir 74km/h, mas não era “nada sinistro” e deveria passar com a noite. Dana, 43 anos, e Paula, 37, prepararam o barco



para o mau tempo e conferiram as amarras.

Também se deslocavam para o norte os australianos Bill e Robyn Forbes, a bordo do catamarã *Ramtha*, de 11,5 metros. Dirigiam-se a Tonga. Com base nas previsões meteorológicas, esperavam dias de navegação tranqüila. O *Ramtha* avançava bem, deslizando sobre as marolas de 2 metros a 15 nós, ou 27km/h.

Bill decidira construir o próprio barco nove anos antes, após ler uma revista de navegação que encontrara em um avião. Bill e Robyn venderam duas propriedades – tudo o que possuíam – para financiar o sonho de velejar para longe. Trabalharam durante longas horas para montar o *Ramtha*, e agora ele se tornara o lar do casal.

Enquanto isso, o *Heart Light*, um catamarã de 13 metros, saía de Auckland com os americanos Diviana Wheeler, seu marido Darryl, o filho Shane e a nora Stephanie. Diviana e Darryl haviam atravessado o Pacífico em um veleiro e, em 1989, chegaram à Nova Zelândia, onde Darryl começou a trabalhar como consultor de marketing.

Os Wheeler estavam agora numa encruzilhada. Diviana fora convidada para apresentar um programa de en-

trevistas numa rádio da Austrália, mas recusara. Ela desejava algo diferente da vida e estava preocupada que Darryl se tivesse deixado aprisionar pelo trabalho. Depois de discutir sentimentos, resolveram partir em uma viagem de veleiro, durante a qual teriam tempo para pensar com mais clareza sobre seus objetivos.

Darryl marcou uma data para a partida, mas Diviana ficou apreensiva. Disse ao marido que temia enfrentar uma tempestade. Com os anos, Darryl aprendera a confiar na intuição da esposa. Muitas vezes, ela se comprovava excepcionalmente precisa. *Mas esta, pensou ele, não era uma dessas vezes.* Os mapas atmosféricos não apresentavam sinais de tormenta.

Contudo, Diviana insistia, inflexível, em que eles deveriam esperar. Por fim, chegaram a um meio-termo, concordando em velejar para Great Barrier Island, 80km a leste de Auckland e, então, reavaliar a situação.

Já quase avistavam a terra quando uma ventania de 74km/h nós surgiu inesperadamente. O barco estalava e oscilava. Chicoteados pela chuva, relâmpagos cruzavam as nuvens. O vendaval era tão violento que arrancou o mastro de metal que sustentava o gerador, movido a vento, do barco.

Darryl e Diviana tinham velejado 30 mil quilômetros e nunca antes experimentado essa fúria súbita: o rugido no cordame, o chicotear da vela principal, a chuva e os relâmpagos ameaçadores. Foi uma apresentação rude para Shane e Stephanie. Era o primeiro cruzeiro deles.

“Isto é divertimento?”, gritou Diviana, bastante irritada por se ver naquela situação.

Por fim, o vento se acalmou para 47km/h, mais administráveis, e eles foram em frente. Darryl acreditava que haviam superado a tempestade que Diviana previra, e o pior já tinha passado. Diviana não estava convencida. Ela sentia que o pior ainda estava por vir.

O oceano entra em erupção

NA MANHÃ de sábado, dia 4 de junho, um satélite norte-americano movia-se com silenciosa eficiência na órbita polar sobre o Pacífico Sul. Passou acima da Nova Zelândia, em direção a Fiji, explorando a atmosfera terrestre em busca de sinais de mudanças meteorológicas. Subitamente, os sensores eletrônicos foram acionados pelo brilho de uma luz intensa 650km ao sul de Fiji. Era o sol se refletindo em uma montanha de nuvens cujos ápices turbilhonavam 15 mil metros acima do mar.

Um sistema de alta pressão maciço crescia sobre a Nova Zelândia, estendendo-se em direção às regiões subantárticas ao sul. Seu avanço cruzando o vasto oceano não encontrara obstáculos, até alcançar dois sistemas de baixa pressão, um a leste do país e outro me-

nor, em formação, próximo a Fiji. As gigantescas forças começaram a testar sua potência uma contra a outra; a massa polar rodopiava contra a atmosfera tropical. O ar mais frio empurrava o ar quente para cima, tirando-o do caminho. Nesse caso, os ventos superiores removiam o ar em elevação, com rapidez maior do que os ventos inferiores podiam substituí-lo, criando uma tempestade ruidosa que rodopiava por mais de 50 mil quilômetros quadrados.

Os ventos do centro de alta pressão sobre a Nova Zelândia giravam no sentido anti-horário – um anticiclone, como denominam os meteorologistas. Encurralada entre dois sistemas de baixa pressão, a energia do anticiclone ficou espremida em uma faixa estreita, que se intensificou dramaticamente em um período de horas, produzindo ventos de mais de 93km/h.

O resultado foi um mar revolto com ondas escarpadas. A chuva martelava a região, relâmpagos rasgavam o céu, trovões estrondeavam de forma implacável. Como em outras tempestades errantes, tudo acontecia tão rápido que, para os iates, seria impossível evitá-la. Quando um temporal parecido, embora menos intenso, atingiu uma regata na Inglaterra, em 1979, afundou cinco barcos e matou 15 navegantes.

Bem acima, os instrumentos do satélite estavam em funcionamento, gerando imagens do sistema atmosférico. A tempestade se agregava em massa inquieta e rodopiante. O satélite transmitiu as imagens e os dados para a Administração Atmosférica e

Oceânica Nacional dos Estados Unidos, para processamento e distribuição a estações meteorológicas em todo o mundo.

Naquele momento, um sensor do satélite foi ativado. Detectou um sinal eletrônico contínuo. Os processadores no satélite transmitiram o novo dado a um posto receptor no Havaí, que, por sua vez, o retransmitiu automaticamente a um centro de controle de missões de busca e resgate em Suitland, Maryland.

O satélite não detectou a flotilha de 60 barcos que entrava na região abaixo. Porém, de acordo com os dados, o *Destiny*, iate registrado em Long Beach, Califórnia, estava em perigo a 10 mil quilômetros de casa.

Queda angustiante

DANA E PAULA Dinius eram aventureiros. Depois de trabalharem na estação de esqui Mammoth Mountain, em Sierra Nevada, Califórnia, passaram duas temporadas velejando com base no México; em seguida, fizeram um cruzeiro até as Marquesas, Samoa Americana e Taiti. Chegaram à Nova Zelândia em 1991.

Quando começou a velejar, Dana precisara de uma tripulação de quatro pessoas para ajudá-lo a levar um barco por 130 quilômetros, de San Diego até Long Beach. Além disso, por ser a primeira viagem, foi a experiência mais assustadora de sua vida. Posteriormente, ele e Paula percorreram cerca de 32 mil quilômetros sozinhos, na maior parte do tempo bem afastados da costa. Agora, eram marinhei-

ros habilidosos e experientes. O aviso do vendaval não lhes abalou a confiança. Tais condições não eram novidade para eles.

Começaram a ficar preocupados quando o mar cresceu para 5,5 metros e passou a quebrar, com o *Destiny* se deslocando, com violência, de um lado para o outro. Naquela noite, a intensidade das rajadas de vento cresceu a cada hora, aumentando de 56km/h para 80km/h, depois 96, 112, 130, até que o indicador de vento atingiu mais de 145km/h.

Dana e Paula precisavam olhar para cima para ver as cristas das ondas selvagens à frente e atrás deles. Dana lutou para manter o *Destiny* de frente para as ondas. Porém, cada vez que o mar levantava o barco, o vento tentava girá-lo de lado durante a queda em um precipício d'água. As depressões tinham 15 metros de profundidade.

“É como estar em uma pista de esqui”, comentou Dana, exausto. Seus braços doíam devido às horas tentando controlar o leme.

Relâmpagos estalavam por todos os lados, queimando o céu de branco e verde. Os trovões ribombavam, ameaçadores. A paisagem marítima negra era uma surpresa para os Dinius, e o ruído era diferente de tudo o que já haviam experimentado antes. Ouviram o *Destiny* estalar, enquanto absorvia a força de toneladas de água. A tormenta era tão poderosa, tão malévola, que estavam dominados pelo medo.

Por três vezes, Dana pensou que não sobreviveriam àquela noite. A cada vez, virou-se para Paula e disse

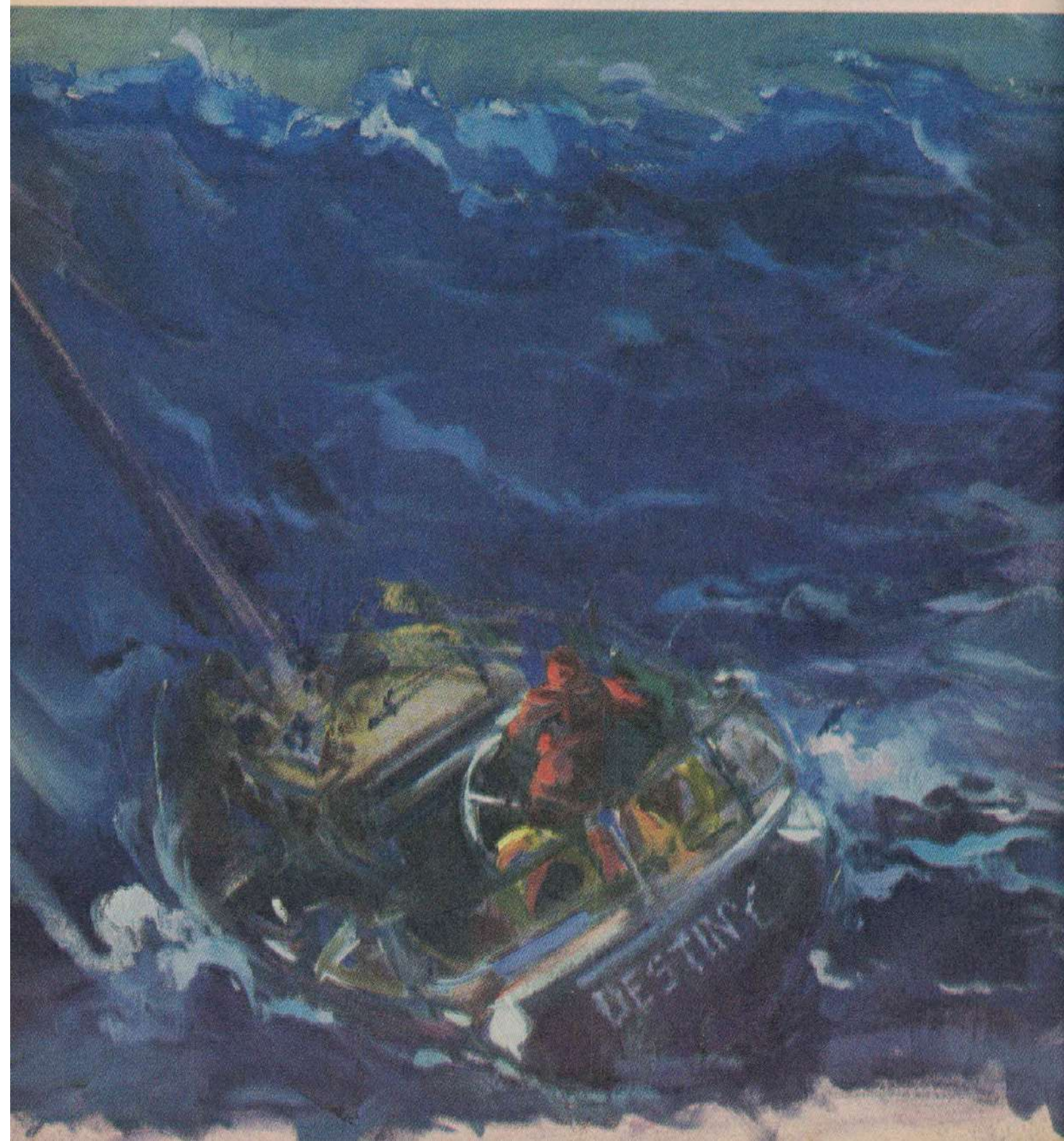
simplesmente: “Eu amo você.” Ela olhava de volta, em silêncio, desejando que ele não desistisse, que continuasse a lutar contra a exaustão. Seus olhos lhe diziam: *Não deixe o mar vencer.*

Mas a água continuou a invadir a popa, inundando a cabina. O casal, então, aceitou que poderia morrer.

Com a chegada da madrugada, a resignação foi substituída por veemente determinação de sobreviver. Pouco antes do nascer do sol, o vento começou a se acalmar, caindo para 87km/h.

“Conseguimos!”, exclamou Dana. “Estamos fora dela!”

Mas não era verdade. A luz do dia



revelou um mundo escuro e soturno de mais violência. Era quase impossível distinguir entre o mar e o céu. Ilhas de espuma, tão altas e largas quanto uma casa, sopravam das cristas das ondas.

O mastro do *Destiny* tinha 17 metros de altura, e as ondas pareciam estar muito acima dele. Tornaram-se

avalanchas, cujas cristas desabavam, ensopando o casal.

Eles olhavam, desanimados, o anemômetro que subia, de novo, para mais de 110km/h. Hora após hora, o *Destiny* se elevava, submergia em espuma e desabava montanha abaixo.

Porém, uma vez foi diferente.

Duas ondas de 15 metros pareceram se empilhar uma sobre a outra. Mais uma vez, o *Destiny* foi lançado para cima pelo vento, e engolfado por furiosa crista branca, mas não deslizou.

– Algo está diferente! – berrou Dana.

Por uma fração de segundo, o *Destiny* pairou acima do que parecia uma queda d'água que caía, em vertical, a mais de 21 metros. Então a proa se soltou, e Dana viu apenas um espaço vazio à frente. Ficou paralisado no timão.

– Oh, meu Deus! – gritou.

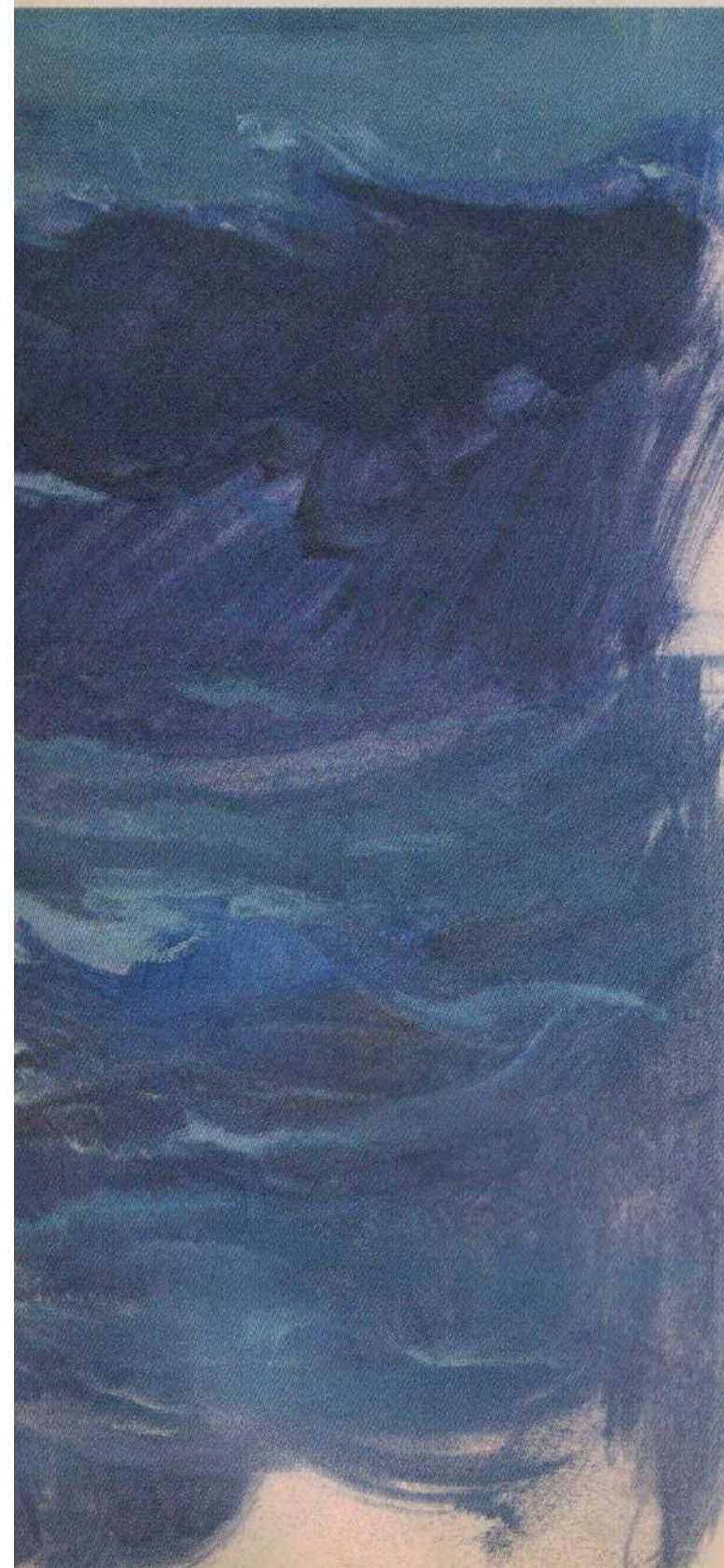
Eles haviam sido arremessados para fora da água, e agora a gravidade puxava o *Destiny* de volta para baixo.

– Estamos indo!

Dana agarrou-se ao leme enquanto o iate de 17 toneladas mergulhava de cabeça no vale. Quase em câmera lenta, o barco caiu pelo espaço e estremeceu quando a proa entrou fundo no mar. Ondas gigantescas atingiram as laterais do barco, virando o *Destiny* de cabeça para baixo.

Voz inesperada

APESAR DE AINDA se encontrar no timão, Dana percebeu que ele e o barco estavam submersos. Reviveu sua



experiência como surfista. Sabia que devia permanecer calmo e aguardar pacientemente para emergir. Atorreado, pensou: *Isto é agradável. Está morno e calmo aqui.* Então, de repente havia ar, e ele podia respirar outra vez. Sentiu a água correndo ao seu redor. De alguma forma, o *Destiny* voltara à tona.

Dana olhou ao redor, procurando por Paula. Lá estava ela, alojada sob parte da estrutura superior do veleiro, do outro lado da cabina. *Graças a Deus*, pensou ele. Quando Dana começou a se mover em direção a ela, atravessando uma confusão de cordames desabados, sentiu uma dor violenta. Seu fêmur estava quebrado.

Paula conseguiu se soltar e foi em direção a Dana. Quando o ergueu, encostando-o na parede em um canto da cabina, ele gritou em agonia.

– Estou quebrado demais para ajudar – disse, ofegante.

– O que devo fazer? – perguntou Paula.

– Corte o cordame. Estique uma antena e, depois, veja quanta água se acumulou.

Em anos de planejamento de emergência, nunca Dana previra estar completamente incapacitado. Agora que o tempo de agir chegara, estava impotente. Não era este o plano. Sabia que Paula podia navegar o *Destiny* em qualquer lugar do mundo. Ela entendia de mareação das velas e rádio. Era competente com o radar e sabia ler os faxes atmosféricos. Mas Dana não acreditava que ela tivesse força ou conhecimento para fazer o que precisaria, neste momento.

Paula desceu e ficou estupefata com o que viu. A água borrifava o assoalho. As portas da despensa e do camarote haviam sido arrancadas dos batentes. Via-se bastante louça quebrada pelo chão. A parte de cima do refrigerador fora atirada para o lado oposto do barco, e o conteúdo do freezer estava espalhado pelo camarote. Seu velho ursinho de pelúcia flutuava na água.

Felizmente, as baterias tinham sido presas com correias e ainda estavam funcionando. Ela acionou as bombas elétricas de esgotamento do porão.

Voltando à cabina, ativou a posição de emergência indicando rádio-farol (EPIRB), e o estroboscópio começou a piscar. Ela esperava que isso significasse que estava transmitindo, mas não havia como confirmar. Era o único meio que tinham para chamar ajuda – estavam entre a vida e a morte.

Por favor, Deus, rezou ela, *faça funcionar.*

Com a força do impacto, o mastro de alumínio se retorcera no fundo do barco e agora martelava contra ele. Paula sabia que precisava liberar o mastro antes que arrombasse o casco de fibra de vidro. Sem um cabo de segurança, e com uma serra para metal amarrada ao braço, ela se arrastou pelo convés, deitada de bruços. O barco rodava, enfurecido, e as ondas se quebravam sobre ela. Paula tinha dificuldade para segurar-se.

Começou a serrar um cabo de aço inoxidável que prendia o mastro, mas logo percebeu que a tarefa era inútil – não podia cortar o cordame e equilibrar-se no barco ao mesmo tempo. Com as forças diminuindo com rapi-

daz, arrastou-se de volta, centímetro a centímetro.

Dana encontrava-se em estado de choque. Mortalmente pálido, seus lábios eram duas finas linhas azuis. Tremia e murmurava de forma incoeren-

te. Paula se afastou dele por um momento, cambaleou até a popa e esticou a antena do rádio o mais alto que pôde, na torre inclinada. De volta à cabine, encontrou Dana tonto, nauseado e tremendo ainda mais.

Próximo mês

Caçador de vírus

Minúsculos, implacáveis e quase invencíveis. Matam! Vítimas: você, seu filho, seu vizinho. Conheça a história do homem que acompanha e enfrenta os vírus assassinos

Fique de olho nestes e outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

ADORÁVEL LADRA

Grande demais, alegre demais, criança. Ela roubou tudo dos vizinhos – inclusive o coração.

NAS MÃOS DE UM PSICOPATA

Com o cano da espingarda atado ao pescoço do rapaz, começou a contagem regressiva.

EMPREGO DOS SONHOS

Bom trato e diversão é a receita não-ortodoxa da empresa onde todos querem trabalhar.

“Preciso levar você para baixo antes que se prenda ao cordame e seja atirado ao mar”, disse ela. Sabia que ele precisava ficar em um lugar quente para sobreviver.

Atormentado pela dor, Dana se forçou a avançar em direção à escada do tombadilho. Pendurou-se na escotilha do camarote, oscilando no limite da inconsciência e, com a ajuda de Paula, deitou-se em um beliche. Fora necessária uma hora para percorrer os poucos metros da cabina até o camarote.

O mar continuava a golpear o barco indefeso e à deriva. Com uma regularidade assustadora, o *Destiny* se elevava e estremecia quando ondas enormes se quebravam contra ele.

Um período de ausência de peso se seguiu a ensurdecadora explosão e, em seguida, o barco rolava sobre a lateral, derrubado por enormes quantidades de água. A cada vez, Dana era atirado para fora do beliche e jogado contra o teto. Ele nunca sofrera tanto.

Apesar de tudo, Paula continuava a limpar quaisquer entulhos que pudessem obstruir as bombas de esgotamento do porão. Quando não estava limpando o barco, sentava-se em frente a Dana como um zumbi, o olhar fixo à frente. Exausta, assustada e também quase em choque. Eles estavam sepultados e sabiam que nada poderiam fazer, a não ser esperar – e ouvir o mastro martelando o casco.

MUDANÇA DE
ENDEREÇO?

Garanta que Seleções o acompanhará!

PARA MUDAR SEU ENDEREÇO: Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

Paula pensava como conseguiria levar Dana para o convés se o barco começasse a afundar, quando o camarote se encheu, por milagre, com o som de voz humana. Uma voz masculina, com sotaque da Nova Zelândia.

“*Destiny. Destiny.* Aqui é Kiwi Três Um Cinco. Está ouvindo? Câmbio.”

Por um momento, a voz a deixou confusa. Então, ela percebeu que vinha do rádio VHF. Incrivelmente, funcionava, apesar de a antena do mastro estar agora submersa. Paula pegou o microfone e começou a falar. Para sua alegria, descobriu que não apenas o som vinha de um Orion P3 da Força Aérea Real da Nova Zelândia que circulava sobre eles, mas também que havia um médico no avião.

O diálogo era difícil. Paula perdia o contato a todo momento mas, pouco a pouco, descreveu a condição de Dana. Ela pensava que suas costelas estavam quebradas, assim como o fêmur.

Enquanto falavam com Paula, os tripulantes do avião podiam ouvir o mastro batendo contra o casco. O piloto estava preocupado, mas precisava de uma visão melhor. Abaixou o grande avião para 60 metros, voando através da chuva violenta e da pouca visibilidade para examinar a situação.

“Oh!”, exclamou Paula. “Estou ouvindo o ronco do avião! Deus, gostaria de que vocês me pudessem içar daqui.” Era um grito patético e desesperado, que encheu os aviadores de compaixão pela mulher.

O vôo rasante confirmou a gravidade da condição do *Destiny*: o barco estava severamente danificado. Os tripulantes do Orion temeram que não

pudesse continuar flutuando por muito tempo. Explorando o radar, localizaram outro barco na área, o cargueiro *Tuí Cakau III*, de 7.987 toneladas.

O comandante, capitão James Hebden, informou pelo rádio que estava a apenas 77 quilômetros de distância, mas não sabia quanto tempo seria necessário para alcançar o *Destiny*. Também lutava contra a tormenta e o mar altíssimo.

Os passageiros do Orion sabiam que Paula e Dana estavam enfrentando uma incrível prova. Pelo rádio, ouviam Paula chorar e gritar quando as ondas atingiam o barco. A cada vez, os aviadores esperavam, ansiosos, a confirmação de que o casal lá embaixo ainda estava vivo.

Quando a noite caiu, o Orion deu outro vôo rasante sobre o *Destiny* e fez uma descoberta assustadora. O bote salva-vidas tinha sumido.

“Oh, meu Deus!”, deixou escapar Paula pelo rádio quando a tripulação a informou. “Vamos morrer se o barco afundar!”

Como garantia, o Orion jogou um transmissor flutuante próximo ao *Destiny*. O localizador seria um substituto, caso o rádio-farol de emergência do barco falhasse durante a noite.

Força irresistível

DIVIANA WHEELER estava triste. Após 25 anos de casamento, durante os quais sua intuição se comprovara correta inúmeras vezes, ela considerou imprudência do marido ignorar seu aviso sobre a tempestade. Porém, já que ele tomara a decisão de velejar,

sentiu-se obrigada a apoiá-lo. Também tinha forte crença em Deus, e esta crença ajudava a sustentá-la.

Por sua vez, Darryl pensava que o aviso de Diviana já se concretizara através da tempestade que encontraram próximo a Great Barrier Island. O tempo estava tão bonito que era inconcebível que o vento pudesse soprar mais rápido que 73km/h. Diviana também apreciava velejar nas águas azuis, livre dos atropelos da civilização. Ali, podia meditar.

“As condições estão perfeitas”, disse Darryl, “um sonho de marinheiro.” Portanto, o *Heart Light* continuou a avançar em direção a Tonga.

Durante a viagem, contudo, as condições atmosféricas se deterioraram, deixando os viajantes preocupados. Na manhã de sábado, o *Heart Light* registrava ventos de mais de 73km/h e ondulações de 7,5 metros. Darryl ouviu os relatórios de outros iates pelo rádio. Todos os barcos temiam uma noite difícil.

Darryl ficava cada vez mais apavorado com a piora das condições atmosféricas. Consultou mapas em busca de um abrigo contra a tempestade. Não havia onde se esconder. A Nova Zelândia estava a mais de 650 quilômetros, e Tonga, a vários dias de viagem.

Em águas calmas, pilotar o *Heart Light* não exigia muito esforço físico. O barco podia navegar permanentemente no piloto automático. O timoneiro apenas precisava sentar-se dentro da cabina espaçosa, passar os olhos pelo horizonte e prestar atenção aos instrumentos. Na verdade, dali era tão prazeroso controlar o barco que eles

quase nunca necessitaram dirigi-lo manualmente, durante 25 mil quilômetros de viagens oceânicas. Só desativavam o piloto automático quando Darryl ancorava ou manobrava próximo ao continente.

Quando o vento alcançou quase 113km/h, e o mar cresceu em proporção ao vendaval, Darryl admitiu: “Se for imperioso pilotar este barco manualmente, você pode ir desistindo, porque não sei como governá-lo em uma tempestade como esta.”

Devido à falta de experiência deles em condições tão extremas, Diviana passou sua vigília concentrada nos três indicadores que exibiam informações sobre o desempenho do piloto automático. Ela observou como *George* (apelido que haviam dado ao dispositivo) governava o barco.

Quando o mar cresceu para 15 metros e a popa do *Heart Light* deslizou lateralmente ao descer as ondas, o piloto automático protestou e alterou o ângulo do leme. Diviana anotou os graus de correção. Desta forma, aprendeu-lhe o ritmo.

Naquela noite, a escuridão ficou impenetrável. O *Heart Light* submergia com tanta frequência, açoitado pela espuma e inundado pelas arrebentações, que parecia mais um submarino que um catamarã.

Quando uma onda arrancou a pesada proteção de acrílico contra tempestades de um dos janelões do camarote, Darryl decidiu que estava na hora de garantir que outras pessoas soubessem das dificuldades. Entrou em contato, pelo rádio, com uma estação terrestre, informando sua posição, a velocidade

do vento e as condições do mar. Em seguida, passou o microfone para Diviana, que deu ao operador do rádio o número de telefone da mãe dela, nos Estados Unidos.

“Telefone apenas se não conseguirmos voltar”, pediu ela, acrescentando que a mãe “deveria ser informada de que o neto também se encontrava no barco”.

A ferocidade do vento e do mar continuou a crescer durante a noite. Mesmo *George* achou que era demasiado quando a popa do *Heart Light* foi golpeada por uma onda enorme, que girou o barco ao redor de seu eixo com força irresistível. Diviana reagiu de imediato, desligando o piloto automático e puxando o leme na direção que fora indicada.

Depois, ensinou a Darryl o que deveria ser feito. Quando o *Heart Light* se endireitou, ligou novamente o piloto e *George* voltou a governar, apenas para desistir dez minutos depois. Após duas outras tentativas, ficou óbvio que o piloto automático não podia mais agüentar.

Então, Darryl assumiu o controle. Relâmpagos rasgavam o céu e os trovões estrondeavam. O iate estremeceu, estalava e rangia. Darryl lutava para evitar que o barco virasse mas, na verdade, não tinha confiança em sua capacidade de impedir a capotagem.

Diviana tentou injetar alguma esperança no marido. Lembrou como os dois tinham vivido muito tempo em montanhas nevadas e sabiam dirigir em condições climáticas traiçoeiras. Diviana sempre tivera total con-

fiança no talento de Darryl como motorista.

“Nunca pensei duas vezes sobre isso”, disse Diviana ao marido. “Será como fazer a mesma coisa aqui no mar; portanto, fique sentado firmemente nessa cadeira.”

Ela ficou em pé atrás dele, massageando-lhe o pescoço e os ombros. Darryl deixou ligados os dois motores do *Heart Light* e utilizou-os para manter o curso do catamarã. De forma contínua, girava o timão para um lado ou para o outro, nivelava o barco e depois o estabilizava de novo, quando os lemes duplos freavam. Algumas vezes, ele empurrava os aceleradores totalmente para a frente e os motores sibilavam quando os propulsores se elevavam acima da água.

Darryl estava concentrado em manter o barco na posição vertical, mas sua estamina começou a diminuir. Quase não podia manter os olhos abertos; a visão ficava embaçada. Diviana continuava atrás do marido, segurando-o na cadeira e falando sem parar, à medida que desabavam de uma onda depois da outra.

Darryl estava atônito por ver que estavam navegando em velocidades entre sete e 24km/h – apesar de arrastarem uma âncora de 182 centímetros de diâmetro, que em geral teria quase paralisado o barco.

De repente, a popa do catamarã girou, colocando o costado ao vento e às ondas. O barco inteiro se inclinou para o alto quando uma das quilhas saiu da água, atirando Diviana para cima de um tampo de madeira que lhe contundiu a perna, do quadril até o

tornozelo. Darryl caiu por cima dela. Os motores do *Heart Light* gritaram inutilmente, até que a quilha mergulhou outra vez.

Stephanie fora atirada do beliche para o chão e também se machucara.

– Você está bem? – perguntou Diviana.

– Desde que você esteja bem, estou bem – respondeu ela.

Atordoado, Darryl arrastou-se de volta ao timão para retomar o controle do *Heart Light*.

Grito de morte

EM MEIO a tudo isso, o barco a remo se soltou. Tornou-se um projétil que ameaçava romper o casco. Darryl não se atrevia a deixar o timão. Shane precisaria ir lá fora, na escuridão, e tentar fixá-lo. Eles estavam – todos eles – apavorados com a idéia.

Decidido, Shane pegou o cinto de segurança e abriu a porta. As ondas invadiram a cabine. Diviana fechou rapidamente a porta, trancando Shane do lado de fora. Ela percebeu que ele não tinha onde prender o cinto ao barco. Diviana olhava pela janela, apertando os olhos para observar enquanto Shane amarrava o barco menor. De repente, uma muralha de água se espatifou na popa, atirando Shane para longe.

– Ele ainda está lá fora? – gritou Darryl. – Faça-o entrar, faça-o entrar!

Diviana não conseguia ver o filho através da espuma. Mas logo o escutou, gritando palavrões ao vento.

– Está lá! – gritou ela. – Graças a Deus, ainda está lá!

Toneladas de água haviam levantado Shane e o arremessaram contra a porta da escada do tombadilho. Ele agarrara uma ponta solta do carpete da cabina e se pendurara nela quando a água recuou e puxou-lhe as pernas.

Quando bateu a porta da escada do tombadilho por trás de si, disse à mãe: “Você vai lá fora da próxima vez.” Todos riram, enquanto a tensão diminuía.

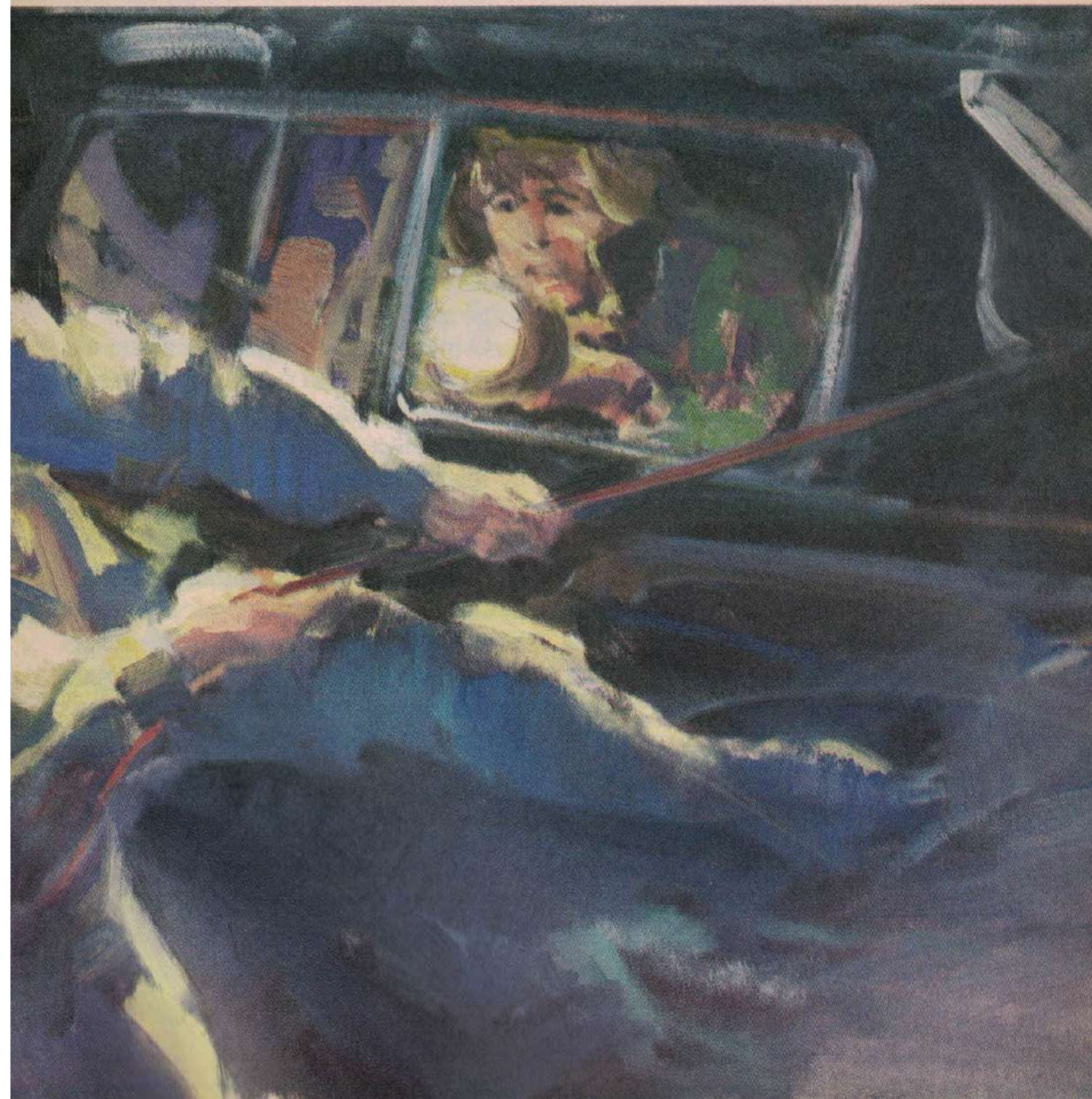


Várias horas depois, o ruído de algo se quebrando no exterior do barco atraiu a atenção deles. A dinga se soltara outra vez, e estava se agitando. Apesar da angustiante experiência de Shane naquela mesma noite, não havia opção: ele precisaria sair outra vez. O rapaz concentrou sua coragem e desapareceu lá fora, novamente sem a segurança de um cabo-guia. Diviana apontou a lanterna através

da janela, observando, angustiada, o filho.

A dinga, ainda pendurada, voara para o lado e batia no casco. Shane sabia que precisava soltá-la e, por isso, serrou a corda, fazendo com que desaparecesse no mar enraivecido. Preparou-se, então, para se arrastar de volta à segurança.

Naquele momento, um rolo de 182 metros de corda foi atirado abrupta-



mente para fora de sua caixa, espalhando-se pelo convés e se enrolando na quilha. *Se for ao mar, poderá se enredar nos propulsores*, pensou Shane. *Precisarei cortá-la*. As ondas quebravam e o jogavam no chão, mas ele conseguiu serrar a corda e atirá-la ao mar.

Darryl, consciente do perigo que Shane corria, mal podia esperar para vê-lo seguro dentro do camarote.

– Ele ainda está lá? – gritou Darryl.

Diviana abriu a porta com cuidado, apenas para ser inundada pela água do mar, quando uma onda invadiu o camarote. Então, Shane entrou correndo, seguido por outra onda.

Stephanie, cheia de alívio, gritou: “Droga, eu esfreguei e limpei este barco durante dois dias. Olhe a bagunça que você está fazendo! Feche a porta!” Todos explodiram em risos.

Mas o pior ainda estava por vir. O vento aumentou para mais de 160km/h, e foi como se uma bomba de água explodisse contra a lateral do *Heart Light*, arremessando pai e filho para o outro lado do camarote, e atirando-os contra a parede. Uma avalanche dá’gua entrou pelas janelas dobráveis do barco e correu para as quilhas. Hora após hora, a cena se repetia – impacto, invasão de água, bem como luta no timão para manter o *Heart Light* na direção certa. Não havia pausa.

Por vezes, o barco ficava suspenso no ar, atirado de uma crista de onda. Então, com o costado rangendo e estremecendo, caía outra vez na água.

Diviana podia captar o aumento do medo em Shane e Stephanie, e desejava ajudá-los a lidar com o pânico, e se prepararem para o pior. Chamou-os

para se sentarem com ela no chão. Pediu que Shane segurasse a maçaneta da porta para que, se o barco virasse, ele pudesse abri-la rapidamente, permitindo que todos flutuassem para fora. Então, ela os liderou em uma meditação, encontrando, de modo gradual, uma paz interior.

Darryl concentrava-se em manter o curso do catamarã da melhor maneira possível, com a família sentada à sua frente. Também Darryl experimentava uma paz interior. Mas não havia nenhuma tranqüilidade no ataque da onda seguinte que, com um tranco, arancou a todos daquele estado de placidez. Darryl foi atirado para fora da cadeira e, enquanto o lado de bombordo se elevava cada vez mais, foram todos arremessados contra a parede do camarote que, num instante, passou a ser o chão.

O motor começou a ranger com um som que lembrava o grito de morte de um falcão. Apareceu outro barulho – um estranho zumbido vindo do painel de instrumentos.

– O que é aquilo? – perguntou Diviana.

– Acho que está entrando água salgada no motor – respondeu Darryl. Sem outro aviso, o motor de bombordo parou. Pouco depois, o motor de estibordo tremeu e também ficou silencioso. Darryl tentou freneticamente reiniciar os motores. Nada ocorreu.

– Pare de lutar contra isso – ordenou Diviana.

De imediato, Darryl virou o timão com força para estibordo e o fixou no lugar, esperando pelo menos manter

o barco em um ângulo que lhe permitisse deslizar ondas abaixo.

Na manhã de domingo, Darryl estava exausto. Estivera no timão durante 36 horas. Os motores, inoperantes. A quilha de bombordo estava rachada e se enchia de água do mar. O cabo com âncora de arrasto, utilizado para diminuir a velocidade do barco, enroscara-se nos lemes e propulsores. Era necessário reconhecer: precisavam de ajuda.

Resignado, Darryl ativou o rádio-farol de emergência.

No interior do redemoinho

O *TUI CAKAU III* estava agora encurrulado na violenta tempestade, e James Hebden se perguntava como e quando poderia socorrer o *Destiny*. Com apenas mil toneladas de carga a bordo, as quilhas de catamarã do navio seriam menos capazes de lidar com o mar altíssimo, e o progresso era lento.

Hebden estava estupefato com as forças que se agitavam. Mesmo na ponte, quase 18 metros acima do nível do mar, precisava olhar para o alto, a fim de ver a crista de uma onda que se enroscava à frente do *Tui Cakau*. Estudou a fúria do mar. Depois daquela, uma série de ondas, de aproximadamente 12 metros de altura e, em seguida, uma onda monstruosa se elevou acima da própria ponte, com talvez 30 metros de altura, quebrando sobre eles. As depressões eram do comprimento do *Tui Cakau*, as elevações quase verticais.

Em uma ocasião, duas grandes on-

das elevaram o *Tui Cakau* e o rodaram 40 graus. O timoneiro foi atirado para fora da cadeira e caiu com violência ao chão, quebrando uma perna.

Hebden não recebia o fraco sinal de rádio do *Destiny*, mas escutava as transmissões do Orion para o iate. Sabia que a situação era grave. Ouvia uma voz do avião: "Paula, aqui é o médico. Você fez tudo o que podia, e a ajuda está a caminho. Tenho certeza de que Dana ficará bem."

Hebden não estava tão confiante. Estimava que o vento próximo a ele registrasse 101km/h. Os tripulantes do Orion informaram que soprava a mais de 145km/h ao redor do *Destiny*, mais forte do que um furacão. E ele ainda se encontrava a 50 quilômetros de distância.

Quando o Orion pediu uma confirmação de que o *Tui Cakau* poderia alcançar o iate, Hebden irradiou que estava tentando. Estimava que chegaria às 2 da madrugada, mas se perguntou se seria capaz de localizar o *Destiny* no mar escuro e tempestuoso. O radar não poderia detectar um barco tão pequeno. Havia uma boa chance de o *Tui Cakau* passar ao largo ou, ainda pior, colidir com ele.

Quase na mesma hora, o *San Te Maru 18* estava pescando atum nas proximidades da Nova Zelândia. Porém, o capitão Bruce White direcionou seu pesqueiro de aço, com 400 toneladas, para o norte, depois de ser informado por uma estação terrestre da Marinha que iates ao norte dele estavam sendo castigados pelas intempéries. Comunicou sua posição, bem como sua disposição para ajudar.

Logo após, o navio de 18 metros subia ao topo das ondas enormes e deslizava por suas faces, em um ângulo de 45 graus. As ondas se enroscavam acima do barco, por vezes se quebrando a bombordo, outras vezes a estibordo e, ocasionalmente, bem sobre ele. Em 20 anos de pescaria, White nunca navegara em tais condições.

O vento agitava o cordame, a antena do rádio, os cabos que suportavam os mastros da proa e da popa, e o esteio que lhes unia os topos. As vibrações geravam um zumbido constante no barco, tão alto que forçou os dez membros da tripulação a gritar.

Muitas horas depois, uma voz ressoou no rádio, sobressaltando White. Era de um Orion que estava próximo, embora não conseguisse vê-lo.

– Precisamos de sua ajuda.

– Tudo bem, disse White. – Para onde você quer que eu vá?

A voz contou-lhe sobre o *Heart Light*. Estava 100 quilômetros ao norte com quatro pessoas a bordo, inundando-se com a água que invadia o casco rachado e as janelas quebradas. White estimou que só alcançaria o catamarã danificado após a meia-noite.

Respondendo a uma chamada do iate australiano *Ramtha* pelo rádio, o comandante Larry Robbins não tinha dúvidas de que os marinheiros estavam em dificuldades. Seu barco, o *Monowai*, era um navio de levantamento hidrográfico da Marinha Real da Nova Zelândia, com 3.750 toneladas. Naquela noite de sábado, eles haviam sido golpeados por ondas tão pesadas que a embarcação continuamente rolava mais de 35 graus da vertical.

O oceano invadia o convés do *Monowai*, entrando pelas aberturas de ventilação e pelas laterais das portas. O poder do mar era espantoso. Arrancou dois pesos de 500 quilos e varreiros, pela borda, para o lado de fora, deixando apenas sulcos no tombadilho superior de madeira, onde estiveram presos. Quatro grandes tambores de fluido para limpeza se soltaram e batiam com violência nos tabiques, danificando-os.

Às quatro horas da madrugada de domingo, o oficial de vigília surpreendeu-se com uma brilhante luz branca no céu. Primeiro, pensou que fosse um sinal, mas essa cor não significava perigo, e não o haviam informado sobre nenhum barco naquela rota.

Alertado, o comandante Robbins agarrou o microfone VHF e falou: “Qualquer navio emitindo sinal branco, poderia reportar, por favor?”

Do *Ramtha*, Robyn Forbes respondeu. Ela e Bill também viram a estranha luz. A chuva torrencial e o nevoeiro impenetrável não permitiam localizar a origem com precisão, mas o brilho esbranquiçado era completamente diferente dos relâmpagos que há pouco rasgavam a escuridão.

Durante o diálogo, Robyn descrevia os baques que sofriam. Logo, uma onda enorme abalroou o *Ramtha* e o elevou no ar.

– Segure-se! – gritou Bill para Robyn, que estava na escada do tombadilho.

Bill foi atirado para o outro lado da cabina e Robyn se agarrou aos degraus, conseguindo salvar-se. O *Ramtha* estremeceu com uma quilha no ar.

Depois do que pareceu um tempo enorme, a quilha desabou na crista de uma onda.

Bill arrastou-se de volta ao timão. A água invadira o camarote, que era agora uma confusão de livros espalhados, fitas cassete, a televisão e o vídeo.

– Os lemes se foram. Perdemos a direção – gritou para a mulher.

Robyn procurou o VHF e irradiou para o *Monowai*. Bill agarrou o microfone e disse a Robbins que, se possível, eles tinham de ser retirados dali.

– Não posso garantir a segurança das vidas e do barco – respondeu o comandante Robbins. Porém, se vocês desejam abandonar a embarcação, vou ajudá-los ao máximo. Você e sua mulher estão relativamente ágeis?

– Por que eles falaram isso? – perguntou Robyn a Bill.

– Provavelmente precisaremos pular em redes de carga ou algo parecido – comentou Bill. E depois, para Robbins, respondeu: “Sem problemas.” Esperava ter soado mais confiante do que se sentia.

Um plano simples e desesperado

O CAPITÃO James Hebden estava de pé na ponte do *Tui Cakau*, averiguando a escuridão. Não havia dúvidas de que estava próximo ao *Destiny* mas, com a visibilidade e as condições do mar tão ruins, era perigoso demais tentar um resgate às cegas. Seria necessário aguardar a luz do dia.

O plano de Hebden era simples – e desesperado. Ele não se atrevia a lançar um barco pequeno ao mar naque-

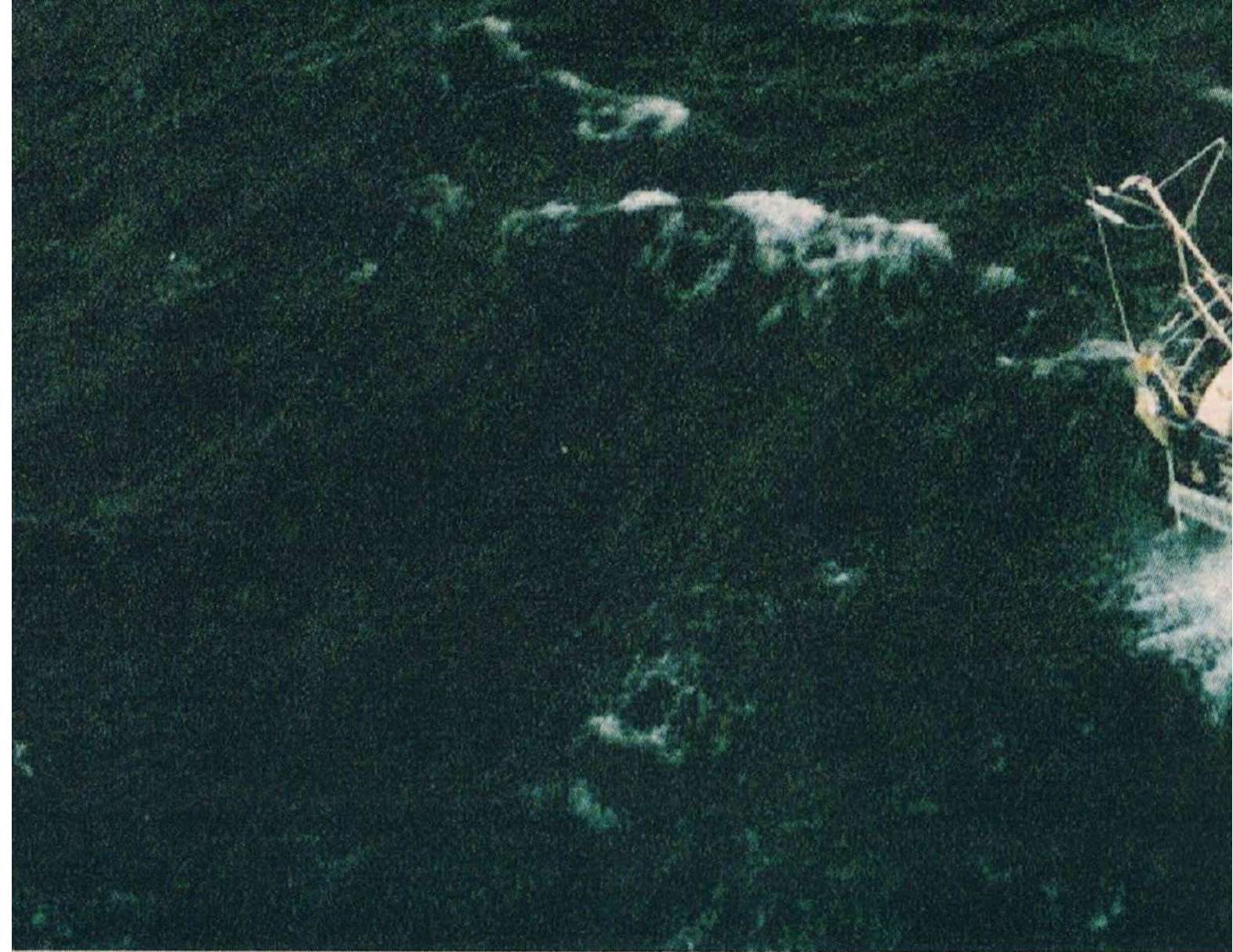
las condições. Em vez disso, dois homens seriam abaixados pela lateral do cargueiro em uma balsa salva-vidas, pulariam no interior do *Destiny*, resgatariam a mulher, depois carregariam o homem ferido pelo convés e, de alguma forma, tentariam içá-lo para o navio.

Representaria enorme perigo manter um navio de 130 metros e 8 mil toneladas ao lado de um veleiro de 14 metros, naquela tempestade. Um erro de julgamento destroçaria o iate e atiraria ao mar todos os que estavam a bordo. O capitão não podia ordenar que alguém assumisse uma tarefa como essa.

Os homens do *Tui Cakau* eram muito unidos; a maioria servira com Hebden durante anos, e tinha segurança em sua habilidade náutica. Hebden confiava totalmente neles – muitos eram fijianos rudes, mas gentis. Odiava precisar expor qualquer um deles ao perigo.

“Estou pedindo voluntários”, disse Hebden. “Será muito perigoso. O barco estará oscilante e escorregadio. Não pensarei mal de vocês se não quiserem ir.” Hebden tinha em mente dois homens, um ex-soldado do Exército de Fiji que tinha uma força notável, e um mecânico em ótima forma física. Hebden ficou orgulhoso, embora não surpreso, quando ambos, imediatamente, deram um passo à frente.

Chegou a madrugada, revelando um oceano tumultuado com ondas cristadas de 15 metros. Ilhas de espuma flutuavam. O *Tui Cakau* surgiu envolto na bruma, e Paula Dinius exclamou:



mou da cabina: “Meu Deus! Dana, olhe o tamanho daquele navio!”

Mas o marido não podia se mexer. Deitado no beliche, estava atormentado pela dor. Ouvia os motores do cargueiro e sentia-lhe a presença. Estava angustiado por um pressentimento.

Com a aproximação do navio, Paula percebeu, com pavor, os problemas do resgate. O *Tui Cakau* balançava pesadamente em direção oposta ao balanço do *Destiny*. Parecia impossível que as duas naves se pudessem aproximar o bastante para que ela e Dana fossem retirados.

Utilizando os motores de reação, os

lemes e os propulsores da proa, Hebden colocou o navio tão próximo ao *Destiny* que espirrou água em Paula, deixando-a encharcada. Era quase tarde demais quando Hebden percebeu que a aproximação não daria certo. A lateral do navio abalroou a proa do *Destiny*, esmagando a grade de proteção. Teria que dar a volta e tentar de novo.

Hebden ativou a força total e o afastamento começou. Horrorizada, Paula olhava a lateral de aço azul no navio, que parecia um penhasco, e estava convencida de que a esteira sugaria o *Destiny*.

Aterrorizado, Dana gritava:



– Que aconteceu? Que aconteceu?

Paula apareceu, pálida:

– Quase fomos sugados para baixo da popa e para dentro do propulsor. Não acredito que nos possam tirar daqui.

Subitamente, o furacão se transformou num simples vendaval. Agora, Hebden viu sua chance. O operador de rádio do navio pediu que Paula estivesse pronta para outra tentativa e, relutante, ela voltou à cabina.

O *Tui Cakau* aproximava-se pouco a pouco, e Paula se preparou mais uma vez, estupefata com a proa enorme, que acabou passando pelo *Destiny*. Os homens acima atiraram cabos para ela.

Paula agarrou um deles e o amarrou ao redor de um molinete.

Hebden novamente reuniu todas as suas habilidades de pilotagem para conduzir o *Tui Cakau* devagar, em paralelo ao *Destiny*, mas nada pôde atenuar o impacto final. Houve um angustiante estalo de metal quebrando fibra de vidro quando as naves se encontraram. Paula caiu no convés.

Naquele momento, uma balsa de salvamento foi jogada ao lado dela. Um fijiano forte, de rosto agradável, saltou, oferecendo ajuda.

As vozes que vinham de cima encorajavam Paula a entrar no bote. Antes que ela pudesse entender o que ocor-

ria, alguém a atirou em direção à balsa de borracha, onde estava outro homem. Naquele momento, os barcos oscilaram em lados contrários. Paula não conseguiu segurar o bote, mas agarrou a rede que o rodeava e se pendurou nela, em desespero. Então, o cabo que unia os dois barcos arrebentou.

“Oh, não!”, gritou Paula. Sua mão esquerda começou a escorregar na rede. A pequena embarcação balançava na lateral do *Tui Cakau*. Ela olhou para o redemoinho 18 metros abaixo, que ameaçava tragá-la.

Preso no leito, Dana receava que o corpo do *Destiny* se partisse como uma casca de ovo. A determinação de viver superou a dor. Utilizando suportes para as mãos, arrastou-se para o tombadilho.

Olhou para cima, aterrorizado. Paula estava pendurada precariamente em uma balsa de salvamento, com os pés oscilando no espaço entre os botes pendentes. *Ela será esmagada!*, pensou. Uma onda de dor apossou-se dele, tão forte que estava certo de que desmaiaria.

Paula ouviu alguém gritar:

– Jogue as pernas para cima! Você precisa passar as pernas pela lateral.

A mulher lutava. Então, de repente, o segundo homem a agarrou pelos braços e pelos fundilhos das calças e a puxou para a balsa. Esta foi logo içada para o convés do navio.

Cambaleou quando alcançou o convés, e foi amparada pela tripulação. Queria ficar para olhar. Poderia nunca mais ver Dana. Mas insistiram que deveria ir para a enfermaria. Estava fraca demais para discutir.

Em pé no tombadilho do *Destiny*, Dana se encolheu quando a dor o dominou. Antes que pudesse reagir, os mesmos dois fijianos estavam a seu lado. Uma velha maca de lona surgiu do nada. Enquanto Dana se pendurava nos suportes para mãos, que ficavam acima de sua cabeça, os homens amararam a maca ao redor dele. A dor na perna e nas costelas quebradas aumentou ainda mais.

Colocaram Dana em posição horizontal e começaram a carregá-lo, subindo os degraus da passagem estreita. A cada solavanco ou quando, de maneira imprevisível, o iate batia contra o navio, os homens caíam sobre Dana. Eles se levantavam e o arrastavam mais alguns centímetros para cima, até que outra onda fazia os barcos baterem e os derrubava novamente.

Chegando à cabina, amarraram cabos ao redor da maca, próximos aos pés, ao quadril e à cabeça de Dana. A combinação de dor, exaustão, choque e hipotermia cobrou seu tributo: ele estava confuso e delirante.

Depois de ser içado alguns centímetros, chocou-se de modo brusco contra a lateral do *Tui Cakau*. O navio cambaleou, e ele balançou para longe. Depois foi atirado contra o cargueiro, batendo ainda mais forte. Outra vez, a maca se afastou e martelou a lateral do cargueiro, provocando grande dor nas costas de Dana.

Finalmente, sentiu que o içavam de forma mais ágil. Foi, com cuidado, posto no convés do *Tui Cakau*, enquanto seus dois salvadores escalavam a lateral do navio de volta à segurança.

Estava acabado. Acima do *Tui Cakau*, os tripulantes do Orion comemoraram as boas notícias. Mas não havia tempo para celebrações.

Um par de tainhas atordoadas

A MADRUGADA do dia 5 de junho revelou uma paisagem marítima assustadora. O vento criava montanhas revoltas, que se elevavam a mais de 12 metros. O comandante Robbins rezou por seu navio, pela tripulação e pelo casal australiano que esperava resgatar do catamarã *Ramtha*. Eles certamente precisariam da ajuda de Deus.

Abaixo, seu imediato explicava o plano do capitão para os 135 marinheiros do *Monowai*. O mar enorme e o vendaval, a mais de 145km/h, tornavam impossível manter o navio da Marinha estável ao lado do *Ramtha*, lançar um barco ao mar ou enviar o helicóptero.

Portanto, o plano era levar o *Monowai* o mais próximo possível e, em seguida, atirar um cabo para o iate. Dois cintos de içamento seriam presos ao cabo. Os passageiros do *Ramtha* vestiriam cintos, seriam puxados através da água e içados. Foram selecionadas equipes para puxar os australianos para o navio.

A tripulação do *Monowai* avistou o minúsculo catamarã quando este se ergueu em uma ondulação, porém ficou óbvio que o resgate seria quase impossível. O *Ramtha* era levado pela corrente, e o desajeitado navio hidrográfico não apresentava suficiente agilidade para enfrentar aquele mar.

Percebendo isso, Bill Forbes ligou os motores do *Ramtha* e tentou guiá-lo para perto do navio. Foram necessárias horas de manobras, mas finalmente Bill e Robbins posicionaram os barcos bem perto, para que os marinheiros pudessem atirar um cabo. Foi um tiro perfeito, e Robyn prendeu o cabo a um cunho. Entretanto, os barcos oscilaram em direções opostas, e o cabo arrebentou. Foi preciso recomeçar do zero. Os marinheiros atiraram outras três vezes, mas erraram todas.

Robyn começou a pensar se na realidade queria abandonar o *Ramtha*. Afinal, o barco mostrara como era resistente. Então, Robyn irradiou para Robbins.

– Acho que precisaremos desistir – admitiu, com hesitação. – Não vai funcionar.

– Vamos tentar mais uma vez – respondeu Robbins.

Com os dois barcos a 18 metros de distância, um atirador emergiu no convés mais uma vez, colocou-se em posição atrás da grade de proteção e atirou.

Bill prendeu a respiração. O projétil passou por cima da quilha de estibordo, aterrissando bem à frente da cabina, próximo o bastante para que Robyn agarrasse o cabo. Bill se arrastou até ela e, juntos, puxaram os cintos para bordo. Bill vestiu o seu e, em seguida, ajudou a mulher a vestir o dela.

O acordo era que os australianos dariam um sinal com os polegares para cima quando estivessem prontos. Depois, ao ouvir a sirene do *Monowai*, pulariam na água. Em seguida, a

tripulação do navio os puxaria para a segurança.

Enquanto lutavam para ficar confortáveis nos cintos, uma onda explodiu contra a lateral do *Monowai*, fazendo-o mover-se para longe do *Ramtha*. No mesmo instante, outra onda bateu no catamarã, empurrando-o na direção oposta. Sem aviso, Bill e Robyn foram arrancados do barco; um pilar machucou as costelas de Robyn enquanto ela era arrastada para o mar.

Quando Robyn afundava na água, pensou calmamente: *Tudo ficará bem. Meu colete salva-vidas me levará à superfície.*

No momento em que o *Monowai* se estabilizou, agora a 200 metros do iate, a tripulação percebeu o que acontecera. Os marinheiros começaram a puxar a linha freneticamente, tentando trazê-los para bordo antes que se afogassem. Robbins esperava que, mesmo se os dois ficassem inconscientes, ainda haveria neles vida suficiente para que pudessem ser acordados depois de içados ao convés.

Robyn e Bill sentiram que eram puxados como peixes no anzol. Tudo ocorrera de forma tão rápida que não tiveram tempo de verificar os cintos. O de Robyn estava solto. Ela girou e começou a ser arrastada com a cabeça para baixo, totalmente submersa.

Bill emergiu, engasgado, e olhou para Robyn. Ela ainda estava embaixo d'água, lutando para se virar na direção correta.

Ela vai se afogar!, imaginou, em pânico. A linha esticou-se de novo, e eles voltaram a mergulhar, sendo pu-

xados através das ondas montanhosas.

Quando veio à superfície outra vez, Bill disse a Robyn, quase sem forças: "Inspire fundo!" Ela se agitou nos cintos, tentando se colocar na direção correta. De repente, a linha se retesou e eles afundaram outra vez.

Robyn tentava se acalmar enquanto cortava as águas. Mantinha os olhos abertos o tempo todo. Estava submersa no Pacífico. A água corria ao seu redor, e ela ficou maravilhada ao perceber como podia enxergar bem. *Relaxe. Você não vai afogar-se. Se você engolir água, eles a bombearão para fora.*

Então, de repente, ambos se perceberam suspensos no ar. Robyn sentiu Bill ao seu lado. *Conseguimos*, pensou ela. "Eles parecem tainhas atordoadas", comentou alguém na ponte quando os Forbes foram içados.

Na hora em que o casal caiu no convés, a tripulação do navio gritou vivas em comemoração. Ninguém duvidava de que haviam participado de um resgate notável.

Uma luz se apaga

A MAIS DA metade do caminho até o *Heart Light*, o pescador Bruce White contatou o iate através do rádio. Enquanto conversava com White, Diviana Wheeler contou-lhe que tinha o apelido de *Tempestade*. White respondeu que tivera um cachorro com o mesmo nome. Gostando da brincadeira, os dois continuaram. Quando White estava a 10 quilômetros de distância, viu a luz do iate e, pouco depois da meia-noite, pôde

apontar seus poderosos holofotes para o barco.

White perguntou que danos haviam sofrido, e Darryl lhe contou que os dois motores tinham pifado, as janelas estavam vazando e um cabo se enrolara no eixo do propulsor. Explicou que conseguira vedar uma rachadura no casco com linóleo e epóxi.

White manteve o barco na mira da luz e, quando se convenceu de que os dois barcos estariam seguros para a noite, desligou uma das lanternas, definiu turnos de guarda entre a tripulação, e desabou no leito para seu primeiro descanso em 20 horas.

Voltou à casa do leme às 6 da manhã e discutiu a situação com Diviana. White sabia que tudo o que os Wheelers possuíam estava a bordo do barco, e que eles não tinham seguro. Porém, devido aos riscos envolvidos em um rebocamento naquelas condições, ele explicou que seria necessário abandonar o *Heart Light*. Embora os Wheelers originalmente esperassem salvar o barco, Diviana se convencera, durante a noite, de que o catamarã deveria ser deixado a seu destino. Quando a família fazia as malas, o *San Te Maru* preparou-se para iniciar o resgate.

Enquanto pescava, White com frequência manobrava o *San Te Maru* em vendavais, ao longo de balizas e bóias; portanto, o tempo não o incomodava. Aproximou-se do iate, fazendo com que a embarcação o protegesse um pouco dos ventos.

A cronometragem era crítica. White estimava que teria seis segundos para desligar o motor do *San Te Maru*, mudar para marcha à ré e ligá-lo no-

vamente, com força total, a fim de paralisar o navio. No momento em que se aproximava, o *Heart Light* permanecia à deriva, recusando-se a não se mover.

Aos poucos, o *San Te Maru* se deslocava para perto do iate, até abalroar os turcos da dinga do *Heart Light*. Após o impacto, Darryl e Shane jogaram para o *San Te Maru* vários sacos plásticos, contendo seus pertences mais valiosos. Em seguida, a tripulação do iate esperou que os dois barcos se nivelassem, para que se pudesse transferir para o pesqueiro.

A manobra era perigosa, e ninguém estava usando colete salva-vidas ou cabos de segurança.

Stephanie foi a primeira. Ela pulou precisamente no momento em que o *Heart Light* deslizou para baixo em uma onda e o *San Te Maru* se elevou. A moça ficou solta no ar durante um segundo, antes que mãos fortes a agarrassem e a puxassem para cima.

– Pule! Pule! – a tripulação apressava Diviana.

– Não. Esperem – pediu ela, agitando os braços para afastá-los. Algo lhe dissera que voltasse à porta da escada de tombadilho e aguardasse. Depois de alguns minutos, uma onda nivelou o *Heart Light* com o *San Te Maru*. Os dois barcos se aproximaram, e Diviana calmamente deu um passo para fora do *Heart Light*, caindo nos braços da tripulação.

– Boa pegada, rapazes! – exclamou Diviana. Em seguida, Shane e Darryl também foram puxados.

Com a tripulação do *Heart Light* segura a bordo, o *San Te Maru* abriu

um rombo no costado do catamarã e se afastou. Para o *Heart Light*, a jornada terminou enquanto afundava nas ondas. A batalha contra a tempestade finalmente terminara.

Achados e perdidos

O SUSTO não esmagou o desejo de aventura dos Forbes. O *Ramtha* foi encontrado à deriva no Pacífico e rebocado para o porto. Como o cavaleiro determinado que é derrubado de um cavalo, eles saíram de Tonga para atravessar o perigoso Oceano Pacífico em direção à Austrália, assim que conseguiram aprontar o barco para voltar ao mar.

Os Forbes ainda vivem a bordo do *Ramtha*. Bill economizou dinheiro como piloto e está reunindo fundos para a próxima aventura: atravessar a região rural da Austrália em um *trailer*. Quando os Forbes pensam sobre o terror da tempestade e se lembram do que sofreram, não se arrependem. Dizem que as dificuldades os deixaram mais fortes e com mais confiança na capacidade de superar os medos interiores.

Dana e Paula Dinius voltaram à Califórnia, onde Dana se submeteu a uma cirurgia para reconstituir a perna arruinada. Em seguida, mudaram-se para o Estado de Washington, onde Dana trocou o barco por um trator, que está utilizando para arar uma pequena fazenda que ele e Pau-

la compraram. Caso algum dia participem de outra longa viagem marítima, estarão prontos. Ainda observam turnos de vigília – três horas acordados, três horas dormindo. Porém, desta vez, não é para cuidar do barco, mas para zelar por uma filhinha.

Nos intervalos, ainda respondem ao chamado do mar. Estão a 90 minutos de Puget Sound e das regatas de fim de semana que saem de Seattle.

Quanto aos Wheelers, o *San Te Maru* desembarcou a família com segurança em Auckland, quatro dias depois de resgatados do *Heart Light*. Ironicamente, para Diviana, a parte mais assustadora de toda a experiência foi o curto período a bordo do *San Te Maru*. Assim que o navio se afastou do *Heart Light*, a tempestade se enfureceu de novo. A movimentação do pesqueiro no mar revolto parecia desajeitada e extravagante, comparada aos movimentos graciosos do catamarã.

Durante quatro dias, Diviana ficou deitada em minúsculo leito no *San Te Maru*, ouvindo o martelar das ondas nas laterais de aço do navio, e sentindo a embarcação se desviar do curso e dar uma guinada de retorno. Houve momentos em que pensou que as possibilidades de o *San Te Maru* naufragar na tempestade eram maiores do que as do *Heart Light*.

Voltou do mar ainda atordoada pelas forças da natureza que se desencadearam contra ela, e estimando bem mais a fragilidade da vida.

-
- POR FAVOR, me dê uns comprimidos de ácido acetilsalicílico.
 - A senhora quer dizer aspirina, não?
 - É isto! Não consigo nunca me lembrar do nome. Michele Rufino, Teresópolis (RJ)



ENTRE ASPAS

Sábio é aquele que recolhe a sabedoria dos demais.

Juan Guerra Cáceres, em *De cada día un paraíso*

O talento é a qualidade que ultrapassa todas as dificuldades.

Miroslav Holub, em *The Jingle-Bell Principle*

O instinto de liderança com que você nasce é a espinha dorsal. Você cria o senso de humor e a sorte correspondentes.

Elaine Aguiar, citada por Rex Seline no *Star-Telegram* de Fort Worth, Texas

A arte raramente é um negócio, e o negócio raramente se transforma em arte.

Camilo José Cela, *Café de Artistas y Otros Cuentos*

A roda foi inventada para podermos nos locomover mais depressa. O crédito foi inventado para nos obrigar a isso.

Cullen Hightower

As flores silvestres não se importam com o lugar onde nascem.

Dolly Parton, Velvet Apple Music

A persistência é irmã gêmea da excelência. Uma é questão de qualidade; a outra, questão de tempo.

Marabel Morgan, *The Electric Woman* (Word)

As boas maneiras são como as normas de trânsito para a sociedade.

Michael Levine, *Lessons at the Halfway Point* (Celestial Arts)

Há duas situações que dão histórias interessantes: quando uma pessoa extraordinária é lançada na banalidade e quando uma pessoa comum se envolve em acontecimentos extraordinários.

Irmã Helen Prejean, *Dead Man Walking* (Vintage)

Tomar decisões a longo prazo exige dificuldades a curto prazo.

Larry Demarest, citado por Jesse Birnbaum em *Time*

Hoje em dia, tudo existe para terminar numa fotografia.

Susan Sontag, *On Photography* (Farrar, Straus and Giroux)

Não há limite de velocidade na estrada para a excelência. David W. Johnson